

Sacher-Masoch

Coleção ESTÉTICAS

direção: Roberto Machado

Observações sobre “Édipo”
Observações sobre “Antígona”
precedido de
Hölderlin e Sófocles
Friedrich Hölderlin
Jean Beaufret

Francis Bacon: Lógica da Sensação
Gilles Deleuze

Sacher-Masoch: o Frio e o Cruel
Gilles Deleuze

O Nascimento do Trágico
Roberto Machado

Nietzsche e a Polêmica sobre
“O Nascimento da Tragédia”
Roberto Machado (org.)

Introdução à Tragédia de Sófocles
Friedrich Nietzsche

Wagner em Bayreuth
Friedrich Nietzsche

Kallias ou Sobre a Beleza
Friedrich Schiller

Shakespeare, o Gênio Original
Pedro Sússekind

Ensaio sobre o Trágico
Peter Szondi

Gilles Deleuze

Sacher-Masoch *o frio e o cruel*

Tradução Jorge Bastos

Revisão técnica Roberto Machado
professor titular do Depto. de Filosofia, UFRJ



ZAHAR

Rio de Janeiro

Título original:
Le froid et le cruel

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 1967 por Les Éditions de Minuit, de Paris, França

Copyright © 1967, Les Éditions de Minuit

Copyright da edição em língua portuguesa © 2009:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico: Carolina Falcão
Capa: Rita da Costa Aguiar
Ilustração da capa: Ticiano, *Vênus com um espelho* (c.1555).
Acervo National Gallery of Art

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D39s Deleuze, Gilles, 1925-1995
Sacher-Masoch: o frio e o cruel / Gilles Deleuze; tradução
Jorge Bastos; revisão técnica Roberto Machado. — Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed., 2009.

—(Estéticas)

Tradução de: *Le froid et le cruel*
ISBN 978-85-378-0090-4

1. Sacher-Masoch, Leopoldo von, 1836-1895 – Crítica e interpretação. 2. Sade, marquis de, 1740-1814. 3. Masoquismo. 4. Sadismo. 5. Literatura francesa – História e crítica. I. Bastos, Jorge. II. Título. III. Série.

Sumário

Prólogo 9

Sade, Masoch e suas linguagens 17

A classificação de um distúrbio. Primeira função erótica da linguagem: palavras de ordem e descrições. Segunda função em Sade: a demonstração, o elemento impessoal e a Ideia da razão. Segunda função em Masoch: a dialética, o elemento impessoal e o Ideal da imaginação.

O papel das descrições 26

A decência de Masoch. O processo do negativo e a ideia de negação em Sade: as duas naturezas. Sade e a repetição aceleradora. “O instinto” de morte. O processo de denegação e o ideal do suspense em Masoch: o fetiche. Masoch e a repetição suspensiva.

Até onde vai a complementariedade entre Sade e Masoch 37

Ambições comparadas das duas obras. Haverá um masoquismo dos personagens de Sade e um sadismo dos personagens de Masoch? O tema de um encontro exterior entre o sádico e o masoquista. O encontro interior e os três argumentos nos quais se funda a crença na unidade sadomasoquista.

Masoch e as três mulheres 48

A mãe heterista, a mãe edipiana, a mãe oral. “Fria, maternal, severa...”. A frieza segundo Masoch e a apatia segundo Sade. Masoch e Bachofen. A catástrofe glacial.

Pai e mãe 57

O problema do papel do pai no masoquismo. Função do pai no sadismo e em Sade. Anulação do pai no masoquismo e em Masoch. A série das três mulheres e o triunfo da mãe oral. A mãe boa. O Terceiro e o retorno alucinatório do pai. O contrato e a anulação.

Os elementos romanescos de Masoch 70

O elemento estético de Masoch. A espera e o suspense. A fantasia. A necessidade de uma psicanálise formal. O elemento jurídico de Masoch: o contrato. O contrato e a lei em Masoch, a instituição em Sade como crítica absoluta do contrato e da lei.

A lei, o humor e a ironia 81

Os dois aspectos da imagem clássica da lei: ironia e humor. Subversão desses dois aspectos na consciência moderna. A nova ironia e a subversão da lei em Sade. O novo humor e a pseudo-obediência à lei em Masoch.

Do contrato ao rito 90

Relações do contrato e da lei. A transferência da lei para a mãe oral: incesto e segundo nascimento. Os três ritos de Masoch: caça, agricultura e o segundo nascimento. Caim e Cristo: Deus morreu. Por que o segundo nascimento é essencial. A semelhança do pai e o papel do sentimento de culpa no masoquismo: “bate-se num pai”. Caráter formal e dramático do masoquismo.

A psicanálise 102

A primeira interpretação de Freud: o reviramento e os outros fatores. Insuficiência da forma “sadismo revirado”. A segunda interpretação e o problema da “desintricação”.

O que é instinto de morte? 109

O princípio de prazer não tem exceção. Princípio empírico e princípio transcendental. Eros, Tânatos e a repetição. Duas formas de dessexualização ou de desintração: neurose e sublimação. Repetição, prazer e dor.

Supereu sádico e eu masoquista 119

Triunfo do supereu e estado do eu no sadismo: a ironia. Triunfo do eu e estado do supereu no masoquismo: o humor. Recapitulação das características diferenciais do sadismo e do masoquismo. O eu, o supereu, sua cisão estrutural e o instinto de morte: imaginação e pensamento. Conclusão sobre a “impossibilidade” do sadismo e do masoquismo.

Notas 131

Prólogo

As principais informações que temos sobre a vida de Sacher-Masoch vieram de seu secretário, Schlichtegroll (autor de *Sacher-Masoch und der Masochismus* [Sacher-Masoch e o masoquismo]), e de sua primeira mulher, que assumiu o nome da heroína de *A Vênus das Peles*, Wanda (Wanda von Sacher-Masoch, autora de *Meine Lebensbeichte* [Confissão da minha vida]). O livro de Wanda é muito bonito, mas foi severamente julgado pelos biógrafos posteriores — que, no entanto, muitas vezes simplesmente o plagiaram. Tudo porque Wanda apresenta uma imagem inocente demais de si mesma. Queriam-na sádica, já que Masoch era masoquista. Mas não é a melhor forma de se colocar o problema.

Leopold von Sacher-Masoch nasceu em 1835, na cidade de Lemberg, na região da Galícia. Tinha ascendentes eslavos, espanhóis e boêmios. Os antepassados foram funcionários do Império Austro-Húngaro. O pai era chefe de polícia de Lemberg. As cenas de motins e de prisão que presenciou quando criança marcaram-no profundamente. Sua obra inteira permaneceu influenciada por problemas de minorias, nacionalismos e movimentos revolucionários no império: contos galicianos, judeus,

húngaros e prussianos... Ele muitas vezes descreveria a organização da comuna agrícola e a dupla luta dos camponeses contra a administração austríaca, mas sobretudo contra os proprietários locais. Foi um entusiasta do pan-eslavismo. Seus ídolos, além de Goethe, foram Puchkin e Lermontov. Ele inclusive era chamado “o Turgueniev da Pequena-Rússia”.

Masoch foi de início professor de história em Graz e começou a carreira literária com romances históricos. O sucesso veio rápido. *A mulher divorciada* (1870) foi um dos seus primeiros romances de gênero e teve grande repercussão, inclusive nos Estados Unidos. Na França, Hachette, Calmann-Lévy e Flammarion publicaram traduções dos romances e contos. Uma de suas tradutoras chegou a apresentá-lo como um moralista severo, autor de romances folclóricos e históricos, sem a menor alusão ao caráter erótico de sua obra. Sem dúvida suas fantasias passavam mais facilmente como atributos da alma eslava. E deve-se levar em conta ainda uma razão mais geral: as condições de “censura” e de tolerância no século XIX eram muito diferentes das nossas; tolerava-se mais a sexualidade difusa, com menores precisões orgânicas e psíquicas. Masoch fala uma linguagem em que o folclórico, o histórico, o político, o místico e o erótico, o nacional e o perverso, se misturam estreitamente, formando uma nebulosa para o açoitado. Foi então sem prazer algum que viu Krafft-Ebing usar o seu nome para designar uma perversão. Masoch foi um autor célebre e honrado, que fez uma viagem triunfante a Paris em 1886, foi condecorado e homenageado pelo jornal *Le Figaro* e pela *Revue des Deux Mondes*.

Os gostos amorosos de Masoch são célebres: brincar de urso ou de bandido; ser caçado, amarrado, sofrer castigos, humilhações e até fortes dores físicas causadas por uma mulher opulenta

vestindo peles e empunhando o chicote; fantasiar-se de serviçal, juntar fetiches e disfarces; colocar anúncios classificados, assinar “contrato” com a mulher amada e, se preciso for, prostituí-la. Uma primeira aventura, com Anna von Kottowitz, inspirou *A mulher divorciada*; uma outra, com Fanny von Pistor, *A Vênus das Peles*. Depois, uma jovem, Aurore Rümelin, entrou em contato com ele, em condições epistolares ambíguas, assumiu o pseudônimo de Wanda e acabaram se casando, em 1873. Tornou-se a companheira ao mesmo tempo dócil, exigente e dedicada. Mas o destino de Masoch era o de se decepcionar, como se a força do disfarce fosse também a do mal-entendido: ele sempre buscou introduzir um terceiro na relação, aquele a quem chama “o Grego”. Com Anna von Kottowitz, descobriu-se que um pseudoconde polonês era, na verdade, um ajudante de farmácia procurado por roubo e perigosamente doente. Com Aurore-Wanda teve início uma curiosa aventura que parece ter tido como herói Ludwig II da Baviera, conforme ela narra em seu livro. Neste caso específico, uma vez mais, os duplos, as máscaras, as encenações de ambos os lados desenvolvem um balé extraordinário que desanda para a decepção. E finalmente a aventura com Armand, de *Le Figaro* — também muito bem narrada por Wanda em sua *Confissão*, exceto pelo que o próprio leitor pode imaginar: foi o episódio que determinou a viagem de 1886 a Paris, mas que marcou também o fim da união do casal. Masoch voltou a se casar em 1887, com a governanta de seus filhos. Um romance de Myriam Harry, *Siona à Berlin*, traça um interessante retrato de Masoch em seu retiro final. Ele morreu em 1895, lamentando o esquecimento em que sua obra já havia caído.

É, no entanto, uma obra importante e insólita, por ele concebida como um ciclo, ou melhor, uma série de ciclos. O ciclo

principal se intitula *O legado de Caim* e devia tratar de seis temas: amor, propriedade, dinheiro, Estado, guerra e morte (apenas as duas primeiras partes foram concluídas, mas nelas os demais já se encontravam presentes). Os contos folclóricos ou nacionais formam ciclos secundários. Principalmente dois romances *noir* que estão entre os melhores de Masoch e dizem respeito a seitas místicas da Galícia, chegando a um nível de angústia e de tensão raramente igualado: *A pescadora de almas* e *A mãe de Deus*. O que significa a expressão “legado de Caim”? Pretende, primeiramente, dar conta da herança de crimes e sofrimentos que pesam sobre a humanidade. Mas a crueldade é apenas uma aparência sobre um fundo mais secreto: a frieza da natureza, a estepe, a imagem gélida da mãe, em que Caim descobre seu próprio destino. É o frio dessa mãe severa é sobretudo uma transmutação da crueldade da qual sairá o novo homem. Existe, então, um “signo” de Caim que mostra como se deve usar o “legado”. De Caim a Cristo, é o mesmo signo que leva ao Homem na cruz, “sem amor sexual, sem propriedade, sem pátria, sem disputas, sem trabalho e que morre por vontade própria, personificando a ideia de humanidade”... A obra de Masoch capta as forças do romantismo alemão. Acredito que nunca escritor algum havia utilizado como ele as possibilidades da fantasia e do suspense. E com uma maneira muito particular de, ao mesmo tempo, “dessexualizar” o amor e sexualizar toda a história da humanidade.

O destino de Masoch é duplamente injusto. E não apenas por seu nome servir para designar o masoquismo, pelo contrário. Primeiramente por sua obra ter caído no esquecimento, ao mesmo tempo em que seu nome ganhava um uso corrente. Livros sobre o sadismo em que os autores parecem completamente ignorar a obra de Sade sem dúvida são publicados. Mas são cada

vez mais raros e Sade é cada vez mais profundamente conhecido, com a reflexão clínica sobre o sadismo beneficiando-se diretamente da reflexão literária sobre Sade e vice-versa. Com relação a Masoch, porém, desconhecer sua obra continua sendo surpreendentemente comum, mesmo nos melhores livros sobre masoquismo. Não seria de se supor, no entanto, que Masoch e Sade não são apenas casos genéricos entre outros, mas que ambos têm algo essencial a nos ensinar, um sobre o masoquismo e o outro sobre o sadismo? Há uma segunda razão que torna dupla a injustiça do destino de Masoch. É que, clinicamente, ele serve de complemento a Sade. Não seria por essa razão que quem se interessou por Sade não teve interesse particular por Masoch? De forma apressada, achou-se que basta inverter os signos, subverter as pulsões e pensar na grande unidade dos contrários para se obter Masoch a partir de Sade. O tema da unidade sadomasoquista, da entidade sadomasoquista, foi muito prejudicial a Masoch. Ele não somente foi injustamente esquecido, mas ganhou uma injusta complementariedade, uma injusta unidade dialética.

Pois basta ler Masoch para sentir que seu universo nada tem a ver com o de Sade. Não são apenas técnicas diferentes, mas também problemas e preocupações, projetos absolutamente diversos. Não serve como argumento o fato de que a psicanálise há muito tempo já demonstrou a possibilidade e a realidade das transformações sadismo/masoquismo. O que está em questão é a própria unidade do chamado sadomasoquismo. A medicina faz distinção entre síndrome e sintoma: os sintomas são sinais específicos de determinada doença, enquanto as síndromes são unidades de junção, ou de cruzamento, remetendo a linhagens causais bem diferentes, a contextos variáveis. É possível que a entidade sadomasoquista seja, ela própria, uma síndrome, que

deveria então ser dissociada em duas linhagens irreduzíveis. Repetiu-se tanto que o mesmo sujeito é sádico e masoquista, que acabamos acreditando. É preciso recomeçar tudo, e recomeçar pelas leituras de Sade e de Masoch. Sendo o julgamento clínico cheio de preconceitos, devemos recomeçar tudo, e de um ponto situado fora da clínica, o *ponto literário*, a partir do qual, aliás, foram denominadas as perversões em questão. Não por acaso o nome de dois escritores serviu à designação; pode ser que a crítica (no sentido literário) e a clínica (no sentido médico) estejam fadadas a entrar em novas relações, num ensino recíproco. A sintomatologia diz sempre respeito à arte. As especificidades clínicas do sadismo e do masoquismo não são separáveis dos valores literários próprios de Sade e de Masoch. E, em vez de uma dialética que apressadamente reúne contrários, deve-se buscar uma crítica e uma clínica capazes de resgatar os mecanismos realmente diferenciais, assim como as originalidades artísticas.